

A APLICAÇÃO DO MÉTODO QUALITATIVO NUMA PESQUISA REALIZADA NOS ASSENTAMENTOS E NOS ACAMPAMENTOS DA REGIÃO DE CACHOEIRINHA, MUNICÍPIO DE VERDELÂNDIA, NORTE DE MINAS GERAIS

Kátia Maria Gomes Monção *

Herbert Toledo Martins **

Alex Fabiani de Brito Torres ***

Resumo

O artigo propõe uma análise dos aspectos relevantes do método qualitativo, a partir de uma pesquisa realizada nos assentamentos e nos acampamentos da região de

* Professora do Instituto de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Minas Gerais - ICA/UFMG, Mestre em Desenvolvimento Social. (E-mail: katiamoncao@viamoc.com.br)

**Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros - PPGDS/UNIMONTES. (E-mail: herbertoleado@yahoo.com.br)

***Professor do Instituto de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Minas Gerais - ICA/UFMG, Mestre em Extensão Rural. (E-mail: afbtorres@bol.com.br)

Cachoeirinha, município de Verdelândia, norte de Minas Gerais. Esse método é percebido por diversos autores como o marco da institucionalização das Ciências Sociais. Na ciência pós-moderna, por meio do método qualitativo, é que as Ciências Sociais se consolidam como instrumento de conhecimento do homem/objeto, dentro de determinados espaços culturais, históricos e sociais, que devem ser respeitados e considerados. Embora a ciência pós-moderna provoque mudanças no paradigma dominante, os estudos sobre as ciências são realizados desde os filósofos clássicos. Com isso, as ciências vêm recebendo significativas contribuições em todas as suas fases.

Palavras-chave: Ciência pós-moderna. Paradigma. Método qualitativo. Assentamento.

Introdução

Para analisar o método qualitativo na pesquisa científica, é necessário voltar os olhos para a filosofia clássica, a começar pela filosofia platônica, por ter sido Platão o primeiro a sistematizar o conhecimento. Para esse filósofo, o conhecimento não se procede de forma imediata. Para se chegar à clareza das coisas, é preciso que etapas sejam percorridas, até que, ao final, após a escalada, o conhecimento seja conquistado, considerado como algo vivo e dinâmico, e não como uma doutrina a ser transmitida (PLATÃO, 1979).

Pessanha (1992) admite que, para Platão, o conhecimento é considerado uma obra

do amor. É o amor que vai estabelecer ligações entre o sensível e o inteligível. Não se alcança a luz do conhecimento sem amar a busca e perpassar por todas as

hipóteses, até que a verdade seja encontrada.

Em meados do século XVII, a ciência ganha um caráter diferente. Ela perde a sua postura em carregar uma verdade absoluta/inquestionável. O valor mítico e religioso do pensamento, tendo Deus como o único revelador do conhecimento é substituído pela crença na ação humana: busca-se o conhecimento, por meio da investigação e da criação, substituindo a fé pela razão. A Europa, por sua vez, modifica a sua concepção de conhecimento, provocando uma revolução no pensamento científico (COELHO, 2005).

Em conformidade com a autora, essa revolução se dá a partir dos ideais defendidos por Francis Bacon e René Descartes. O primeiro defende a idéia de que a ciência poderia criar inventos capazes de proporcionar a felicidade humana. O segundo prega a ação metódica e sistematizada dos experimentos.

Bacon foi considerado, por alguns, como o criador do método experimental da ciência moderna. Embora esse título de criador do método empirista tenha sido criticado por alguns estudiosos, ele foi um grande defensor da ideia de que o verdadeiro conhecimento somente é possível por meio da pesquisa experimental. Esse pensamento se baseia na pressuposição de que a análise, a partir de certezas, terminará em dúvidas; mas se partir de dúvidas e essas forem pacientemente trabalhadas de forma empírica, terminará em certezas.

Mesmo tendo gerado controvérsias em torno da originalidade das suas teorias, Bacon conseguiu traçar um novo rumo de se encontrar a verdade, por meio do método experimental (BACON, 1979).

Por outro lado, as teorias de Descartes são consideradas a base do pensamento científico ocidental. A partir delas

surgem as ciências atuais, ou seja, a ciência moderna. Para ele, o conhecimento pode ser adquirido por todos. Todos os homens têm capacidade de usar a razão. O conhecimento verdadeiro se dá pela razão - o que distingue o homem dos outros homens. O método científico é criado, como forma de levar o homem a atingir o conhecimento, que deve ser rigorosamente demonstrado, e não comprovado. As dificuldades devem ser divididas em partes: começar das partes mais simples até chegar às partes complexas e analisar os fatos sem omissão. Para ele, o princípio da ciência consiste no rigor da matemática, na clareza e na evidência (DESCARTES, 1979).

Richardson (1999) considera o método científico como um percurso a ser seguido para atingir o objetivo desejado. Concebe, assim, o método como um processo dinâmico de avaliação e revisão.

Um outro filósofo que trouxe grande contribuição às ciências, inclusive à ciência moderna, foi Augusto Comte. Esse autor faz uma alusão à natureza humana, ao dizer que esta possui três estados históricos: o estado teológico - é o que o filósofo considera como o ponto de partida da inteligência humana; o estado metafísico - consiste no estágio em que o homem compreende melhor a realidade; e o estado científico ou positivo, tendo a ciência como uma forma legítima de conhecer a realidade.

O positivismo comtiano considera que nenhuma outra forma de se conhecer a realidade é capaz de competir com a hegemonia da ciência. Nesse estado, nega-se a dimensão da religião, acabando-se com os mistérios. A chegada a esse estado é a representação da inteligência efetiva do homem.

Comte defende o método dedutivo, por acreditar ser necessária a observação, fundamentada em uma teoria. Essa observação vai proporcionar ao homem um maior

conhecimento dos fatos. Entretanto, é preciso que o homem não se deixe envolver com o problema a ser observado, devendo isolar-se. Para Comte, na investigação, o fenômeno deve ser analisado com exatidão, sem a pretensão de conhecer as causas geradoras do fenômeno (o que se opõe ao pensamento pós-moderno). A filosofia positivista abrange os fenômenos da Matemática, Física, Química, Astronomia, Biologia, o que vai proporcionar a divisão do trabalho intelectual. Com base no pensamento positivista, é fundada a chamada física social (COMTE, 1978; LACERDA, 2004).

Já no século XIX, é constituída, também, a institucionalização da Sociologia com uma nova ciência. De lá para cá, essa ciência vem sofrendo diversas modificações, mas permanecendo as idéias de Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber, que fundamentam as compreensões dos problemas sociais contemporâneos, urbanos ou rurais. Assim, os estudos das ciências agrárias passam a contar com a contribuição das ciências sociais, no conhecimento das diversas sociedades que são construídas e transformadas pela ação humana (COELHO, 2005).

Ciência e Paradigma

A ciência tem trazido grandes avanços para a humanidade. A tecnologia está presente, direta ou indiretamente, nas vidas de muitos grupos sociais. A pesquisa científica tem um papel fundamental nas descobertas.

Kuhn (2003) considera que, ao iniciar a pesquisa científica, o pesquisador deve partir de pressupostos conhecidos por uma comunidade científica, pois uma pesquisa requer respostas seguras para alguns questionamentos. Essas respostas vão influenciar o pesquisador na prática científica. Os cientistas são socializados a fazer a ciência

normal. A ciência normal se baseia no pressuposto de que o cientista sabe antecipadamente como é o mundo. Não se preocupa com as novas espécies de fenômeno, dirigindo-se, exclusivamente, para a articulação dos fenômenos fornecidos pelo paradigma.

Na ciência, forma-se uma rede sólida de compromissos e adesões entre os cientistas. As realizações científicas devem ser reconhecidas durante algum tempo, por uma comunidade científica, para que os seus paradigmas respondam aos seus problemas.

Por paradigmas, Kuhn (2003) entende os modelos nos quais brotam as tradições específicas e coerentes da pesquisa científica. Eles fornecem os fenômenos e as teorias à ciência normal. Para um paradigma ser aceito pela comunidade científica, é necessário que seja melhor que os outros paradigmas competidores, mesmos não conseguindo explicar todos os fatos. Quando um cientista considera um paradigma como certo, ele fundamenta o seu trabalho na visão desse paradigma. Portanto, é fundamental que o paradigma proporcione confiança aos cientistas.

Segundo esse autor, é muito difícil um cientista abandonar um paradigma sem substituí-lo por outro. O reconhecimento e a percepção de algo estão intrinsecamente relacionados com a visão de mundo que os cientistas desenvolvem durante toda a sua história de vida. Portanto, não há neutralidade científica. O paradigma é baseado nas realizações científicas universalmente aceitas. Ele adquire status, por ser melhor que os concorrentes na resolução de alguns problemas.

No entanto, quando um determinado paradigma não consegue atender satisfatoriamente às expectativas científicas ocorre, conforme Kuhn (2003), a anomalia, o que

corresponde à violação, por parte da natureza, das expectativas previstas pelo paradigma. A anomalia não pode ser deixada de lado, uma vez que gera instabilidade na teoria vigente.

Quando ela se intensifica no meio científico, ocorre a crise do paradigma.

A crise no paradigma se dá quando a técnica normal de análise é destruída, na medida em que diferentes versões da mesma teoria coexistem. Esse é um período de insegurança, que vai preceder a emergência de novas teorias. A crise é a rejeição do paradigma, o relaxamento das regras normais e a busca de novas regras, capazes de descartar e substituir uma teoria da ciência normal. Em consequência à crise, ocorrerá a revolução científica, que implica numa ruptura (KUHN, 2003).

Em conformidade com esse autor, a revolução científica é um processo em que desencadeiam novas teorias. Não ocorre a transformação da ciência, mas a revolução científica. Essa revolução é o momento em que um paradigma é substituído por um novo, que é incompatível com o anterior. Portanto, rejeitar um paradigma é simultaneamente aceitar um outro. A revolução científica altera a forma de como se vê a natureza e de como se acredita que os seus componentes se inter-relacionam, mudando o conceito de vida de uma comunidade.

Não há uma unanimidade nas ciências em seguir um único paradigma. Nas ciências humanas, por exemplo, dadas as suas diversidades, ocorre a coexistência de paradigmas que competem entre si. No entanto, a ciência normal pede o seguimento de um paradigma dominante.

O método qualitativo na pesquisa científica

A fim de justificar a escolha do método qualitativo e de apresentar as discussões que permeiam esse método na pesquisa científica, é importante uma apresentação da pesquisa realizada na antiga região de Cachoeirinha, hoje município de Verdelândia. Essa região localiza-se no Norte de Minas Gerais e entre as décadas de 1960, 1970 e início de 1980 foi palco do maior e mais emblemático conflito agrário nortemineiro. Esse conflito, que marcou a história agrária dessa região, contou com a participação da Polícia Militar de Minas Gerais.

Durante o conflito de Cachoeirinha, registrou-se a expulsão de 212 famílias de posseiros e a morte de 64 crianças, vítimas de fome e da varíola que se abateu sobre a região.

Essas famílias de posseiros, ao serem despejadas de suas terras e sem direito a nada, perderam toda a produção e a criação que possuíam, tornando-se vítimas da polícia e dos jagunços que trabalhavam para os fazendeiros da região (SANTOS, S. 1985).

Os posseiros foram obrigados a deixar as suas terras, ficando debaixo das árvores, sem ter para onde ir; jippes da polícia puxavam os arados que prendiam as casas, jogando-as ao chão e plantações eram queimadas.

Na tentativa de acabar com o conflito de Cachoeirinha, em 1983, o governo do Estado de Minas Gerais comprou de fazendeiros parte das terras conflitadas. Criaram-se os dois primeiros assentamentos de reforma agrária da região, que foram conhecidos como Caitité e União.

Na atualidade, a região da antiga Cachoeirinha, município de Verdelândia, possui 14 assentamentos de reforma agrária e 4 acampamentos. Esses assentamentos atendem

a 473 famílias, que, na sua grande maioria, constituem de ex-posseiros ou de seus descendentes e parentes. Esses números de famílias podem ser significativamente aumentados, caso leve-se em conta os filhos de assentados que residem nos lotes.

A partir desse histórico, foram analisadas algumas dimensões de reprodução social desses assentamentos e acampamentos, identificados os assentados e acampados que participaram direta ou indiretamente do conflito. A pesquisa investigou quem são os atuais assentados; quais deles participaram da luta pela reintegração das terras; quais as implicações do conflito na vida desses trabalhadores rurais e quais as relações de solidariedade existentes naquela comunidade, após 30 anos da reintegração da posse da terra. Para que esta pesquisa alcançasse os objetivos propostos, o método qualitativo pareceu ser o melhor, em função da natureza desse estudo.

Para a pesquisa em questão, foi fundamental que se conhecesse quem são os trabalhadores rurais desses assentamentos e acampamentos; que história os acompanha; que tipo de conhecimento eles acumularam ao longo dos 30 anos de assentados, ou melhor, ao longo da vida. Por não ignorar o conhecimento histórico dessa comunidade, foi possível conceber a sua atual realidade social. Pinto (1985) considera o conhecimento como um fato social, construído ao longo de uma história.

Esses trabalhadores rurais trazem um conhecimento vivido e transmitido de geração a geração. Santos, S. (1985), em sua pesquisa, registra os diversos tipos de conhecimentos que aquela população possuía, desde o início do povoamento da região de Cachoeirinha. A própria comunidade produzia quase tudo de que necessitava. Raramente aqueles moradores iam ao comércio e, quando para lá se deslocavam,

o objetivo era a compra de sal. Segundo a autora, as mulheres teciam, os utensílios eram feitos pelas fazedoras de vasilhas de barro, as lamparinas eram feitas de barro, no lugar do querosene, usava-se a mamona, o uso de plantas medicinais era uma alternativa de medicamentos no combate a diversas enfermidades. Todo esse conhecimento de mundo não pôde ser ignorado nem desprezado durante a pesquisa. Na visão de Santos, B. (2004), a ciência deve buscar uma harmonia com o senso comum, mesmo que a ciência moderna considere o senso comum, muitas vezes, ilusório e falso.

Este artigo propôs analisar alguns aspectos do método qualitativo na pesquisa científica, dentro de uma perspectiva sociológica agrária. Por método qualitativo, Haguétte (1992) entende a pesquisa social sendo realizada a partir do outro, apoiando-se nos dados históricos específicos e únicos, reconhecendo que a sociedade é constituída por micro-processos e que ela se movimenta pela força da ação social de indivíduos e de grupos. Esses micro-processos devem ser conhecidos, analisados e interpretados, cabendo a cada um, uma metodologia adequada ao problema que se deseja pesquisar. Esse método não é, portanto, apenas uma oposição do paradigma estrutural do método quantitativo de análise.

Santos, B. (2004), por sua vez, argumenta que, para o paradigma dominante, o que não era mensurável era considerado desqualificado e irrelevante pela ciência moderna. As ciências, pelas suas peculiaridades, estudam o ser humano e esse não pode ser condicionado a leis pré-estabelecidas, por não serem capazes de obter resultados confiáveis.

O método qualitativo, na visão desse autor, compreende o paradigma emergente, que é capaz de revolucionar a ciência

moderna. Não se classifica apenas como um paradigma científico, mas como um paradigma social, que busca a superação da distinção e da dualidade dicotômica da ciência moderna. Não isola o sujeito do objeto, a natureza da cultura. O paradigma emergente é a marca da ciência pós-moderna, que vai se opor ao pensamento positivista de Comte, da ciência moderna, proporcionando às ciências naturais a aproximação da humanidade.

Na visão de Richardson (1999), o método qualitativo é uma forma adequada de perceber a natureza, possibilitando uma maior profundidade no entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. O emprego desse método pode proporcionar uma melhor análise, uma melhor compreensão e uma melhor classificação de processos dinâmicos vividos por grupos sociais e as suas consequentes transformações.

Esse argumento também é confirmado por Creswell (2007), que, ao analisar esse método, percebe a importância da adoção pelo pesquisador de métodos humanísticos e interativos para que, ao identificar detalhes sobre as pessoas e as comunidades, seja capaz de envolvê-los, de maneira consciente, na maioria das fases da pesquisa. O autor concebe esse método como um fenômeno social holístico.

Martins e Theóphilo (2007) consideram o método qualitativo como um método científico que evidencia as complexidades das investigações das realidades sociais, procurando entender os elementos que interagem com a pesquisa, sem se preocupar com mensuração dos dados, elemento presente no método quantitativo. No entanto, na visão desses autores, não é possível uma total dissociação dos métodos qualitativo e quantitativo. Para os autores, na investigação científica, os dois métodos se complementam entre si.

A importância da pesquisa qualitativa para as Ciências Sociais no estudo da vida de indivíduos ou de grupos sociais teve o seu início na escola de “Chicago”, entre os anos de 1920 e 1930. Há nesse tipo de pesquisa, um extenso campo de investigação. Vários métodos são classificados como pesquisa qualitativa: estudo de caso, política e ética, investigação participativa, entrevista, observação participante, métodos visuais e análise interpretativa.

Entretanto, esses autores consideram a pesquisa qualitativa como uma atividade que deve localizar o observador no mundo e as práticas utilizadas pelo observador devem garantir uma visibilidade diferente ao mundo (DENZIN; LINCOLN, 2006).

A escolha das práticas da pesquisa qualitativa depende do tipo de pergunta que o pesquisador pretende responder. No entanto, para qualquer uma dessas práticas, o observador deve procurar entender o outro, porém esse entender o outro não consiste em utilizar apenas as lentes do observador. Cuidados devem ser tomados no sentido de não deixar que o outro não seja um estranho, uma pessoa primitiva, enquanto o pesquisador se torne um detentor de conhecimentos de uma cultura civilizada. É fundamental que o pesquisador não volte as costas para o seu objeto de pesquisa. Não obstante, pode haver, no pesquisador, uma propensão em ignorar o seu objeto de pesquisa. Essa propensão é ilustrada na capa de “Writing Culture”, onde aparece uma foto de um pesquisador branco de costas e distante, fazendo anotações sobre seu objeto de pesquisa, que são um homem, uma mulher e uma criança escuros e indianos. Essa foto representa, também, a superioridade do pesquisador branco, do sexo masculino frente a indivíduos passivos e negros. Essa é uma tendência ainda existente no século XXI – pesquisador branco representado como autor e autoridade, homem negro ou pardo como passivo e

mulher e criança como aqueles que apenas observam.

Pensava-se que sendo o pesquisador uma pessoa competente e qualificada, pudesse relatar com clareza e objetividade as suas próprias observações do mundo e os relatos dos indivíduos. No entanto, isso não é suficiente, visto que não há uma observação objetiva; há apenas observação que se situa no mundo do observado e do observador. E dificilmente o indivíduo observado é capaz de fazer relatos que expliquem inteiramente as suas ações ou intenções, o que torna a pesquisa qualitativa bastante complexa.

Denzin e Lincoln (2006) entendem que a pesquisa qualitativa segue princípios paradigmáticos ou esquemas interpretativos. Esses princípios e esquemas constituem uma rede de crenças e sentimentos em relação ao mundo e ao modo de como ele deve ser compreendido e analisado. Algumas dessas crenças são incontestáveis; outras, invisíveis, outras, apenas supostas e outras, problemáticas e controversas.

Santos, B. (2004) destaca a ocorrência, na ciência moderna, da consagração do homem como objeto de conhecimento e a sua expulsão enquanto sujeito empírico. Para o autor, o cientista antropólogo, por exemplo, era considerado como o europeu civilizado, enquanto o homem objeto da pesquisa representava o primitivo, o selvagem. Com base nesse pensamento, ocorre uma segregação do conhecimento. De um lado há o saber do cientista, do outro o saber do ignorante, que não deve ser reconhecido pela comunidade científica. Esse conhecimento que se divide implica no controle e na dominação da natureza. Isso tem provocado consequências prejudiciais à humanidade, como, por exemplo, ao meio ambiente.

Várias tecnologias têm provocado diferentes impactos

ambientais, o que vem sendo repensado pela ciência moderna, com a ajuda da ciência pós-moderna.

Conhecer o modo de vida dos lavradores, objeto da pesquisa, simboliza um anseio de conhecimento que a humanidade procura alcançar em todas as fases da sua existência.

Nessa busca do conhecimento, o homem tenta compreender e explicar a realidade. É nesse momento que o homem se aproxima da onisciência. Na visão de Pinto (1985), é preciso que a pesquisa científica tenha um pressuposto teórico, como ponto de partida do trabalho. O pesquisador deve sair do seu mundo fechado e ir ao encontro do objeto a ser pesquisado, ter contato com a realidade do trabalho que pretende desenvolver. Esse ponto de partida se faz no conhecimento histórico do indivíduo dentro da comunidade. É o ato de o pesquisador conhecer o outro e se deixar conhecer pelo outro.

Na visão de Coelho (2005), embora o saber científico seja mais complexo, ele não é, necessariamente, o melhor. O cientista deve buscar construir o novo, sem desconsiderar os conhecimentos tradicionais de uma sociedade. As ciências sociais tendem a contextualizar o novo, respeitando as tradições que proporcionam as relações do homem, uma vez que no dia a dia as pessoas vêm incorporando novos conhecimentos em suas vidas. Para a autora, a criação científica não produz nada de extraordinário, nem de absoluto, embora o seu compromisso seja com a criação do novo.

O saber é transmitido socialmente. Em conformidade com Pinto (1985), é necessário que as gerações se organizem em sociedade para que a transmissão do saber e a acumulação do saber histórico se transformem na consciência do grupo ou do indivíduo. Esse momento antecede ao conhecimento científico, visto que essa

transmissão do saber não se dá de modo metódico, o que caracteriza o conhecimento científico. No entanto, a forma metódica do conhecimento científico se mistura ao saber espontâneo de uma coletividade, proporcionando regras de investigação do mundo material. Dessa maneira, o homem muda a qualidade do seu saber, ele é capaz de explicar e justificar o seu saber.

A pesquisa científica, segundo Pinto (1985), é que leva o homem à conquista do conhecimento, quando lhe é possibilitado dominar, transformar e adaptar a natureza às suas necessidades e de dotar a consciência de novas ideias. Para o autor, o conhecimento é percebido como um processo que se inicia nos primórdios biológicos, alcançando a consciência que impulsiona ao desenvolvimento evolutivo. É a transferência do estado de fato para o estado de representação. A representação constitui vincular uma ideia a outra, criando um universo de subjetividade e de possibilidade de reflexão, entrando em uma etapa qualitativa inédita.

Com base no conhecimento metódico e sistematizado é que se procurou identificar o conhecimento que a comunidade dos assentamentos de reforma agrária da antiga Cachoeirinha desenvolve. Na atualidade, aquela sociedade continua a produzir os seus saberes e a transmiti-los de geração a geração, porém, de uma forma muito diferente da época em que ela mantinha um modo de subsistência local, produzindo o que era necessário para o consumo próprio. Ao serem expulsos das suas terras, foram obrigados a conhecer outras sociedades, com outros tipos de costumes e cultura. Frente a esse novo contexto, pairaram as perguntas: o que mudou naquela comunidade - miscigenação cultural, novos valores, um capital social mais forte ou mais fraco? Essa comunidade conseguiu se unir na luta pela posse da terra - hoje é capaz de se

organizar para buscar um melhor crescimento social? Essa população possui uma voz significativa frente aos órgãos governamentais, que são os responsáveis pelo desenvolvimento econômico e social da sociedade? Buscam objetivos em comum, no sentido de se fortalecerem para a garantia dos seus direitos?

O método científico qualitativo proporcionou responder às indagações, por meio de investigações da realidade cultural dessa comunidade. Os posseiros, hoje denominados assentados, constituem um grupo social organizado. Na atualidade, essa região é a primeira, no estado de Minas Gerais, em números de assentamentos/acampamentos. O Estado, ao ser pressionado, comprou dos fazendeiros, que à época provocaram o maior despejo do Norte de Minas Gerais, as terras, foco do conflito, implantando os dois primeiros assentamentos da região: Caitité e União, os maiores símbolos do conflito de Cachoeirinha.

Pinto (1985), ao analisar a teoria da cultura, entende que a pesquisa científica deve se iniciar a partir da história, levando-se em conta a cultura geral de uma determinada sociedade. A cultura é transmitida de geração a geração, com o intuito de se preservar e garantir a sobrevivência do homem. Caso a cultura deixasse de ser transmitida às novas gerações, o homem correria o risco de se voltar à sua forma primitiva. A cultura é um bem de consumo e de produção. No entanto, o homem não consegue manter a sua cultura por muito tempo. Na divisão de classes, há os que produzem e os que consomem. Os que produzem garantem o consumo de uma minoria, porque essa minoria é a produtora do conhecimento e, ao mesmo tempo, a consumidora. Então, quem produz as novas formas de produção são os que verdadeiramente consomem, garantindo a sobrevivência da maioria. O conhecimento dessa minoria passa a ser valorizado e respeitado. Cria-se a classe culta, aquela que

detêm o conhecimento, aquela que garante o consumo para a sobrevivência da maioria. Nessa dependência, o conhecimento da maioria torna-se inferiorizado e desprezado pela comunidade. Eles não mais são capazes de garantir as suas próprias sobrevivências; a cada dia se tornam incapazes e dependentes. Os seus trabalhos artísticos, por exemplo, são considerados pitorescos e folclóricos, despertando somente a curiosidade, enquanto os trabalhos realizados pela elite são considerados sérios e eruditos. Ladson-Billings (2006) ilustra a supremacia da elite cultural, quando observa que há uma distinção de gênero literário. Algumas obras são classificadas como literatura, outras como folclóricas. As denominadas de literatura são classificadas como epistemológicas, enquanto as obras folclóricas, escritas por pessoas não-brancas, são consideradas fracas e de menor valor cultural.

Para Bourdieu (2005), o campo de produção cultural valorizado e respeitado é constituído por ricas dimensões culturais, visando a atender e a registrar os anseios e os desejos dos que detêm um capital econômico mais elevado e das classes sociais cujas dimensões de poder podem dar um caráter de cientificismo à obra. A pesquisa científica deve adotar métodos capazes de garantir a cultura da comunidade a ser pesquisada. O cientista deve se desnudar do sentimento de superioridade, que é peculiar aos detentores do saber, que aliena a cultura do outro. Ele não pode se caracterizar como uma minoria proprietária do conhecimento, apto a responder a todas as indagações.

Esse autor considera que a separação espacial não consiste no distanciamento entre as pessoas. O que provoca, de fato, o distanciamento entre os indivíduos é o capital econômico e o capital cultural. Quanto mais essas relações forem distanciadas, menos objetivos em comum terão as pessoas de diferentes classes sociais, tornando-os reduzidos; no

inverso, maior serão as aproximações entre os indivíduos, aumentam-se os objetivos em comum. A dimensão do capital cultural vai determinar as tomadas de posições nos espaços sociais, criando uma oposição entre as diversas hierarquias. Quanto à dimensão do capital econômico, o autor considera a de maior força para provocar o distanciamento. Quanto maior o volume do capital, mais diferenciados são os interesses. Quanto menor o capital econômico, menor será o capital cultural e aquele que possui o maior capital econômico, possui, relativamente, maior capital cultural. Assim é construído o espaço social.

Na perspectiva de alienação cultural, Santos, S. (1985) registra, em sua pesquisa, uma entrevista, em que um lavrador, nativo de Cachoeirinha, afirma que, com a chegada do homem branco na região, as populações negras foram se modernizando.

Por sua vez, a sede da antiga Fazenda Caitité, hoje assentamento Caitité, pode ser percebida de forma emblemática para todos os que participaram do conflito, como também para os que lá chegaram, após a transformação da fazenda em assentamento. Trata-se de uma sede que, pela exuberância da sua arquitetura, se destaca, ainda nos dias atuais, entre as demais moradias da região.

O aspecto simbólico dessa casa se constitui na representação de poder do seu antigo proprietário, em relação aos posseiros em questão. Há, também, uma simbologia de dominação e de poder, além de diferenciação social e econômica. Evidencia-se, portanto, uma estratégia de superioridade em relação aos posseiros.

Além disso, Ladson-Billings (2006) destaca que há uma predominante hegemonia na educação. A visão de mundo do indivíduo, muitas vezes, é influenciada pela classe dominante, que consegue alienar o saber do outro, em favor

de um paradigma cultural dominante. Criam-se novos valores e um sentimento de autoridade, que muda a forma de se perceber o mundo de toda uma comunidade. Registra-se, nessa cultura dominante, um alto índice de preconceito social e racial, que marginaliza os valores trazidos pela população negra, ao longo de uma existência. A perspectiva dominante coloca em desvantagem os que estão fora do poder. Esses são excluídos, subjugados e explorados.

Há uma visão preliminar daqueles que pertencem à classe pobre. Muitas vezes são forçados a apreender a cultura dominante, para que consigam a sua própria sobrevivência. Como essa classe depende do poder da minoria para garantir a sua sobrevivência, ela segue um padrão de comportamento imposto pela minoria, que detém o poder.

Com a penetração e a dominação de um grupo de pessoas detentoras de grande poder econômico e político nas terras dos trabalhadores rurais de Cachoeirinha, foram oprimidas as suas identidades, impostas novas formas de vida, desprezadas as capacidades de produção e reprodução e, posteriormente, expulsos de suas próprias terras. São grupos sociais desprovidos de capital econômico e de capital cultural. Espacialmente, eles se avizinham de grupos sociais com elevado capital cultural e econômico, que, por sua vez, utilizam de outros espaços sociais. Acredita-se que um dos fatores que contribuem para a lenta melhoria das condições sociais, culturais e econômicas daquela comunidade é o fato de o grupo com maior poder econômico desfrutar de outros espaços para as suas relações sociais.

Um espaço social, na concepção de Bourdieu (2005), é um espaço de diferenças. As classes sociais existem de modo virtual, como algo a ser feito pelos agentes sociais. No entanto, é preciso garantir que essas construções não sejam realizadas no vazio social, por pesquisadores que trazem

dimensões tão distanciadas, por possuírem, na maioria das vezes, um capital cultural alto.

Outra preocupação do pesquisador que adota o método qualitativo refere-se às questões éticas e políticas. Segundo Christians (2006), o iluminismo propõe a liberdade de ação dos seres. O homem é o responsável pelos seus próprios atos, que deveriam estar desprovidos de valores morais. O Estado não mais poderia interferir na vida das pessoas. A liberdade somente poderia ser impedida quando houvesse prejuízo para o outro. Dessa forma, os valores foram neutralizados, como uma alternativa de vida. O pensamento de neutralidade ainda acompanha alguns ramos da ciência. Na época atual, muitos cientistas ainda consideram que os métodos nas ciências sociais devam estar imbuídos de neutralidade.

Esse autor expõe algumas diretrizes que compõem o código de ética das ciências sociais: 1-consentimento informado – o sujeito, objeto da pesquisa precisa ser informado sobre a natureza e consequência da pesquisa; 2-fraude – esta ciência possui uma postura contrária à fraude; 3-privacidade e confidencialidade – os resultados de uma pesquisa não podem expor nem constranger uma pessoa; 4-precisão – os dados não podem ser mentirosos.

Esses princípios que fundamentam o código de ética das ciências sociais servem para amparar a conduta da neutralidade nas ciências sociais. Nessa concepção, a pesquisa segue uma ordem, que aponta para o positivismo de Comte. No entanto, o autor percebe uma crise da neutralidade dentro dessa ciência, o que vai provocar mudança na sua estrutura.

Segundo esse autor, não há a neutralidade nas ciências, visto que as próprias instituições sociais são influenciadas por uma determinada política e ideologia, criando uma

máscara de autonomia. Não há pesquisa livre de valores; o cientista leva, para dentro da comunidade, os valores das suas instituições de pesquisa. Para evitar as influências ideológicas das instituições é preciso que o pesquisado passe a perceber o outro. Além disso, para que a pesquisa não se comprometa e perca o seu valor científico, é necessário, segundo Martins e Theóphilo (2007), que o pesquisador procure ser imparcial, adotando uma postura de cientista. Para tanto, deve o mesmo esclarecer os critérios utilizados para a realização da pesquisa.

Considerações Finais

Inúmeras são as contribuições daqueles que sempre se preocuparam em inovar as ciências. O homem liberta-se da dimensão religiosa, chegando-se até a era da tecnologia da comunicação. No entanto, nem sempre todas as evoluções da ciência conseguem beneficiar a maioria da população mundial, que vive à margem do progresso. Tem-se constatado que muitos dos progressos tecnológicos não somente se distanciam dos marginalizados, mas, sobretudo, afetam-nos de forma altamente prejudicial.

A ciência pós-moderna tem provocado a revolução da ciência moderna. A partir da ciência pós-moderna é que o método qualitativo vem preencher a lacuna existente na pesquisa científica e suprir as limitações do método quantitativo. Como preocupar-se somente com a dimensão das coisas, quando os resultados da ciência devem servir para beneficiar o homem? O que significa a natureza da ciência, senão o bem-estar do próprio homem?

O método qualitativo é o modelo capaz de permitir a interação do homem com os progressos científicos; do homem com a natureza. Para tanto, é fundamental que o homem seja respeitado, valorizado e inteirado dentro da

natureza científica. As culturas não podem ser anuladas, em favor de um grupo dominante, que detém o saber. O capital cultural de uma determinada comunidade é que, na maioria das vezes, se responsabiliza pela preservação do próprio grupo. Para tanto, essa cultura deve ser acatada, valorizada, e não subjugada. Na ciência pós-moderna, não se deve conceber o pensamento de supremacia entre o sujeito/pesquisador e objeto/pesquisado. É fundamental que ocorra o olhar para o interior do objeto/homem, reconhecendo a sua história, preservando os seus saberes e respeitando a relação desse homem com a natureza onde vive. As distâncias existentes entre sujeito e objeto não devem ir além das distâncias espaciais.

É importante que o pesquisador se reconheça no outro que está pesquisando e, por meio dele, se reconheça os outros indivíduos. Assim, é preciso que ele se liberte das influências políticas e ideológicas oriundas do próprio meio acadêmico, percebendo que as ciências devem existir em benefício do homem.

O método qualitativo na ciência pós-moderna proporciona à pesquisa um novo conceito de ética, uma nova valorização do homem e sua cultura, ao mesmo tempo em que considera a natureza onde vive esse homem. Assim, a ciência deixa de ser um instrumento de dominação da natureza, passando a fazer parte dela.

Verifica-se, que a pesquisa realizada nos assentamentos de reforma agrária e nos acampamentos da antiga região de Cachoeirinha, hoje município de Verdelândia, no Norte de Minas Gerais considerou, prioritariamente, o trabalhador rural, objeto dessa pesquisa, como um indivíduo que possui conhecimento e cultura peculiares à sua comunidade. Esse ser construiu e constrói a sua própria história, devendo, portanto, ser estudado na sua integridade.

Quanto ao sujeito/ pesquisador, ao preencher as lacunas deixadas por pesquisas científicas anteriores, preocupou-se em cumprir os princípios que fundamentam o método qualitativo.

Referências

BACON, F. Vida e obra. In: ____ **Os pensadores**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BOURDIEU, P. **Razões práticas** – sobre a teoria da ação. 6ed. São Paulo: Papirus, 2005. 224 p.

CHRISTIANS, C. G. A ética e a política na pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa** – teorias e abordagens. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2006. cap. 5, p. 141 – 162.

COELHO, F. M. G. **A arte das orientações técnicas no campo – concepções e métodos**. Viçosa: UFV, 2005. 139 p.

COMTE, A. Discurso sobre o espírito positivo. In: ____ **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. v. 6.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa** – Método qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2007. Cap. 10, p. 184 – 210.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: ____ **O planejamento da pesquisa qualitativa** – teorias e abordagens. 2.ed. São Paulo: Artmed, 2006. cap. 1, p. 15 – 41.

DESCARTES, R. Discurso do Método. In: ____ **Os pensadores**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1979. v. 8.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. 224 p.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. 260 p.

LACERDA, G. B. **Elementos estáticos da teoria política de Augusto Comte**: as práticas e o poder temporal. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 023 p. 63-78, 2004. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 18 ago.2007.

LADSON-BILLINGS, G. Discursos racializados e epistemologias étnicas. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa** – teorias e abordagens. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2006. cap. 9, p. 249 – 279.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007. 225 p.

PESSANHA, J. A. M. Platão e as idéias. In: REZENDE, A (Org.). **Curso de filosofia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1992, p. 43-57.

PINTO, A. V. **Ciência e existência** – problemas filosóficos da pesquisa científica. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985. 537 p.

PLATÃO. Vida e obra. In: ____ **Os pensadores**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. v. 3.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social-métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 334 p.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004. 92 p.

SANTOS, S. N. **À procura da terra perdida**: para uma reconstituição do conflito de Cachoeirinha. 1985. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1985.